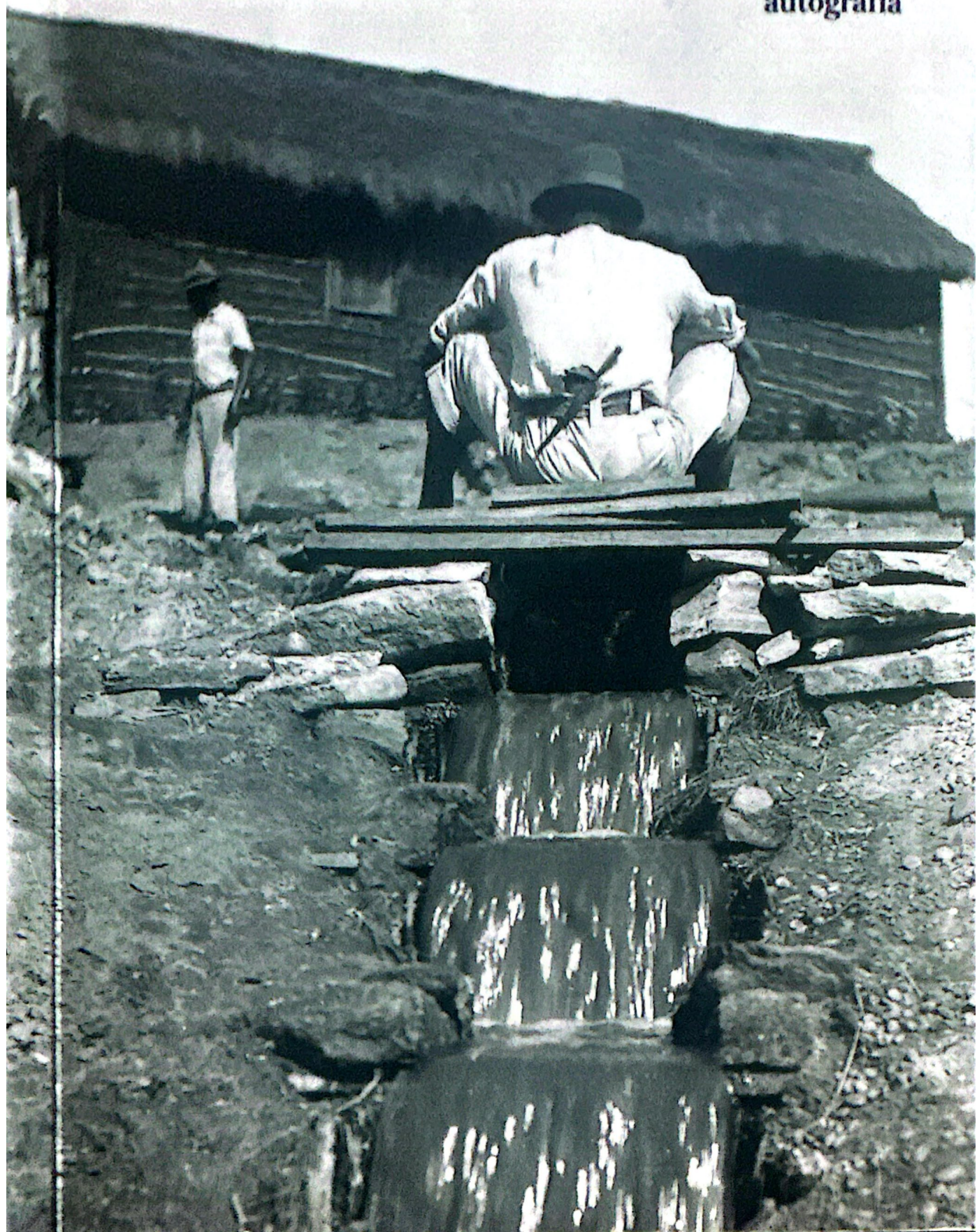


Métodos e temas emergentes nos estudos sobre turismo e patrimônio

Luana Melo e Silva
Maria do Carmo Pires
Everaldo Batista da Costa (organizadores)

autografia



**Métodos e temas emergentes
nos estudos sobre turismo e patrimônio**

Métodos e temas emergentes nos estudos sobre turismo e patrimônio

Luana Melo e Silva
Maria do Carmo Pires
Everaldo Batista da Costa (organizadores)

autografia

Rio de Janeiro, 2024

SUMÁRIO

[Preâmbulo]	7
▪ A CONSTRUÇÃO DO MÉTODO NOS ESTUDOS PATRIMONIAIS E TURÍSTICOS: DA EMPÍRIA À TEORIA E À PRÁXIS-SITUADA.....	9
<i>Everaldo Batista da Costa</i>	
[O método e a volta ao sujeito].....	27
▪ ECOS DO TEMPO. DA PATRIMONIALIZAÇÃO GLOBAL AO HABITUS E AS GASTRONOMIAS NO BIOMA CERRADO	29
<i>Marutschka Moesch</i>	
<i>Alessandra Santos dos Santos</i>	
<i>Thamyris Carvalho Andrade</i>	
▪ VIVÊNCIA E APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO URBANO PATRIMONIALIZADO: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA DE INVESTIGAÇÃO.....	69
<i>Maria Cristina Rocha Simão</i>	
▪ TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA URBANO E PATRIMÔNIO: APONTAMENTOS E DESAFIOS INVESTIGATIVOS	95
<i>Kerley dos Santos Alves</i>	
<i>Edilaine Albertino de Moraes</i>	
<i>Renato de Oliveira dos Santos</i>	
[O giro de pensamento pela biografia de sujeitos]	125
▪ CONFRONTANDO A OCIDENTAL PATRIMONIALIZAÇÃO DA MEMÓRIA EM TERRITÓRIOS ATINGIDOS: O CASO DE BENTO RODRIGUES, MARIANA-MG	127
<i>Luana Melo e Silva</i>	
<i>Flora d'El Rei Lopes Passos</i>	
<i>Bruna Morais Roque Oliveira</i>	

▪ PATRIMÔNIO-TERRITORIAL EM TERRITÓRIOS QUILOMBOLAS. CASOS DE SÃO PAULO E DE GOIÁS	157
<i>Luana Nunes Martins de Lima</i>	
<i>Rafael Fabrício de Oliveira</i>	
<i>Vinicius Matuly</i>	
▪ SABERES DA COZINHA MINEIRA: PATRIMÔNIO ALIMENTAR ORIGINÁRIO DO SÉCULO XVIII NO TURISMO CONTEMPORÂNEO.....	189
<i>Maria do Carmo Pires</i>	
<i>Sônia Maria de Magalhães</i>	
<i>Vinicius Alexander Santos</i>	
[Metodologias aplicadas e a reviravolta dos conceitos]	231
▪ SOBRE CENÁRIOS E RUÍNAS: PATRIMÔNIO CULTURAL, PAISAGEM E USOS DA MEMÓRIA NA ZONA DA MATA MINEIRA	233
<i>Leonardo Civalle</i>	
<i>Walkiria Martins</i>	
▪ "COISA DOS CABOCLOS BRABOS": TURISMO, PATRIMÔNIO E PAISAGEM RURAL . . .	269
<i>Marta Bertin</i>	
<i>Paula Louise Fernandes Silva</i>	
▪ MUSEUS UNIVERSITÁRIOS E PRESERVAÇÃO PATRIMONIAL: DOCUMENTAÇÃO CIENTÍFICA POR IMAGEM DE UMA PINTURA MURAL DO MUSEU DE ARTE SACRA DA UFBA	299
<i>Marina Furtado Gonçalves</i>	
<i>Carlos Augusto Ribeiro Jotta</i>	
<i>Solano de Souza Braga</i>	
▪ REDE UNESCO UNITWIN "CULTURA, TURISMO E DESENVOLVIMENTO": INICIATIVAS E APRENDIZADOS INTERNACIONAIS SOBRE TURISMO E PATRIMÔNIO. . .	321
<i>Thiago Allis</i>	
<i>Sidnei Raimundo</i>	
<i>Juliane Santos Lumertz</i>	
SOBRE AS AUTORIAS	349

A CONSTRUÇÃO DO MÉTODO NOS ESTUDOS PATRIMONIAIS E TURÍSTICOS: DA EMPIRIA À TEORIA E À PRÁXIS-SITUADA

Everaldo Batista da Costa

Universidade de Brasília, UnB

Ao longo do século XX, as ciências sociais e as ciências humanas buscaram amadurecer em seus argumentos de método. A epistemologia e a ontologia ganharam escopo na Geografia, na Antropologia, na Sociologia, na História, na Política, na Pedagogia, na Letras e outros campos disciplinares, produzindo e, ao mesmo tempo, assumindo controvérsias internas e externas, segundo seus princípios lógicos norteadores e respectivas inscrições filosóficas.

Para Otavio Ianni (2011), a produção acadêmica de cunho metódico parece sobressair, pela originalidade do que propõe ou pelo ruído provocado; o confronto de teorias e paradigmas, epistemologias e ontologias absorvem boa porção das energias intelectuais mais notórias, passando a impressão de que pouco resta à produção original e inovadora.

Vale recordar que o debate do método guia os mais destacados estudos realizados desde o século XIX (com a institucionalização da Ciência), cujas autorias dedicam-se a interpretar o movimento do mundo, suas formas e contradições, o *ser* social e os sistemas dos quais deriva, desde seus respectivos campos. Para isso, se não são filósofos, recorrem à(s) filosofia(s).

De Augusto Comte a Karl Marx, de Edmund Husserl a Roland Barthes e, para não limitar à Filosofia Ocidental, de Leopoldo Zea a Marilena Chauí e Aimé Césaire (tributários desta Filosofia, de forma mais ou menos crítica) e de Fausto Reinaga a Ailton Krenak, de Catherine Walsh a Enrique Dussel (que, desde a América Latina, reconhecem a potência da Filosofia no e do cotidiano popular), todos interpretam as formas de estar no mundo e o pensamento delas derivado, propondo novas teorias dentro de emergentes paradigmas, conforme cada leitura da realidade e sua época. O esforço intelectual corresponde à construção do método filosófico, que as ciências em geral incorporam (ou deveriam incorporar), com maior ou menor reconhecimento e competência.

Sinteticamente, é fundamental distinguir o *método filosófico na ciência* e o *método científico*, o qual passou a ser sinônimo de *metodologia científica*, descabidamente. O drama e o grande risco correspondem ao abandono radical do primeiro (o método filosófico) pela atração cartesiana, imediata, racional e operativa do segundo (o método tratado enquanto metodologia científica, circunscrita aos procedimentos e técnicas de pesquisa).

El compromiso con cualquiera de los métodos filosóficos: dialéctico, existencialista, fenomenológico, estructuralista, hermenéutico o con el eclecticismo posmoderno (a veces, difuso y mal explicitado), incluso el neopositivismo, es incompatible con el instrumentalismo tomado, equivocadamente, como método de análisis (geográfico), ello comporta técnicas investigativas. (Costa & Scarlato, 2019, p. 641)

Assumir o compromisso com o método filosófico nas ciências significa recuperar a(s) filosofia(s) na elaboração da narrativa teórica, epistêmica e ontológica disciplinar. O método científico comprometido com a(s) filosofia(s) não deve ser restringido aos procedimentos investigativos ou à prática do trabalho de campo, levantamento dos dados, inventários ou ao imediato do mundo (perde-se o *mediato*). Às

ciências em geral, urge entender que a construção do método não se reduz à ideia do instrumental analítico, às dimensões da metodologia e seus procedimentos materiais e em campo (importantes enquanto arcabouço lógico da construção do *objeto*, mas insuficientes, pois só permitem uma aproximação ao mesmo, pois ele [o *objeto*] é constituído e constitutivo do mundo – ainda, se confunde *objeto* [constructo intelectual de um campo do conhecimento] e *recorte* analítico [dado da realidade]). Nesse aspecto, reconhecemos que...

el desafío y la fuerza del método (en Geografía y no solamente) están en la captura del movimiento del espacio, posible a través de uno o algunos de los infinitos flashes o momentos de interacción sociedad-naturaleza, cuya constitución es definida por la indisociabilidad de variables generadoras de las contradicciones inherentes, como la intencionalidad, la política y la técnica promotoras de una voluntad absurda de espacio. (Costa & Scarlato, 2019, p. 644)

O pensamento científico elaborado (na construção metódica), indagador da *natureza* ou do *ser* social, o qual nos aproxima do entendimento das contradições relacionadas às infinitas formas de existência e de existir sobre a Terra, tem sido substituído pela ação *instrumental* ou *técnica*. Ou seja, como explica Lukács ([1986], 2012), a manipulação é elevada à categoria de método soberano da “filosofia científica” e, desafiando a ontologia, ela se distancia do *ser*.

O ser é o que é realmente, e se opõe ao que parece ser, à aparência. Assim, ontologia significa: estudo ou conhecimento do ser, dos entes ou das coisas tais como são em si mesmas, real e verdadeiramente (...). A ausência da ontologia na ciência deu à Religião ampla margem para a livre interpretação do mundo (...) o acordo espiritual científico, quando esvai-se a oposição autenticamente excludente entre ciência natural moderna e posição religiosa diante do mundo. (Lukács, [1986] 2012, p. 15-51)

Esta breve introdução quer provocar: i) a *indagação* sobre a construção do método nos estudos patrimoniais e turísticos; ii)

o reconhecimento e análise das teorias e conceitos adotados nas pesquisas relacionadas ao tema, inclusive, as publicadas neste livro; iii) a *problematização* sobre o *conhecimento real* do espaço, da paisagem, dos lugares ou do território, cujos estudos sejam capazes de criticar a concepção política, institucional ou acadêmica que os lê de forma geométrica-racional-instrumental e não relacional ou concreta. O *conhecimento real* do espaço aclara e denuncia a raiz de sua natureza contraditória ou, minimamente, abre caminho para a crítica e a construção de novas possibilidades no âmbito do *patrimônio e do turismo situados* (Costa, 2016, 2017, 2018, 2021a, 2021b, 2024).

A construção do método nos estudos patrimoniais e turísticos conclama um olhar diferenciado para a tríade empiria«teoria«práxis-situada. É necessário cautela, ao analisar essa ordem bidirecional indicada, justificada, pois, por um lado, a ciência desponta como uma força produtiva, meio de produção e fonte de recurso econômico do mundo contemporâneo cooperando, à sua maneira, no processo social; por outro lado, esse caráter não pode justificar a produção de teorias pragmáticas do conhecimento que não mobilizem e protagonizem os sujeitos em ação no cotidiano. Como diz Horkheimer ([1968] 2008), o exame da veracidade de um fato ou fenômeno é distinto do exame sobre sua importância vital.

A construção do método na análise patrimonial e turística deve indagar o caráter de *imprescindibilidade* do turismo ou do patrimônio, na leitura do território enquanto locus da vida situada, das lutas, da produção de diferenças e, simultaneamente, de esperança. Isso nos sugere recuperar com zelo, criatividade e rigor a tríade de ambivalências aqui proposta como um fio condutor dos estudos patrimoniais e turísticos.

A pesquisa científica, em seus diversos ramos, não busca simplesmente registrar ou descrever eventos particulares da experiência; ela pretende descobrir certa regularidade no fluxo dos acontecimentos e, a partir daí, formular leis gerais ou teorias que possam ser usadas para

a predição, a revisão e a explicação dos fenômenos, de outras teorias ou delas próprias (Hempel, [1989] 2016). Ainda, mais, a pesquisa científica deve enaltecer os sentidos, as emoções, as contradições e os símbolos inerente aos *entes*. Daí a importância de reconhecer a construção do método nos estudos patrimoniais e turísticos a partir da tríade empiria«teoria«práxis-situada, na perspectiva da(s) existência(s).

Consideremos que a percepção sensorial continua desempenhando um papel relevante na produção do conhecimento científico, pois, mesmo na era dos poderosos receptores tecnológicos, somos nós os intérpretes dos dados coletados em campo ou representados digitalmente. E, hoje, por mais que não seja necessário que o perceptor (o ser humano) esteja presente no lugar e no momento em que se recebe a informação (Shapere, [1989] 2016), neste mundo do meio técnico-científico-informacional (Santos, 1996), a “observação” requer o *sítio* e deve ser capaz de captar a *situação* do movimento do objeto; *sítio* e *situação* (princípios espaciais-geográficos) que se tornam vitais na produção de qualquer conhecimento.

É neste aspecto que a concepção *situada* ou *existencial-relacional do sítio* (ou o empírico visto como o *mediato* do processo histórico [e não o *imediato*]) faz-se o ventre da teoria ou a oportunidade de sua revisão, pois é do local (escala) transformado em lugar (espaço de acontecimentos) que eclode a práxis popular. Os estudos do patrimônio e do turismo têm, nessa perspectiva, instrumentos para a totalização dos fatos ou fenômenos analisados, quando o método deixa de ser subsumido ao dado estático ou restrito a procedimentos investigativos (pelos quais se *manipula*, geométrica ou matematicamente, o espaço, o território, a paisagem, a memória, os saberes, os hábitos ou a vida de relações que encarnam); o método passa a significar o caminho da compreensão da *situacionalidade* dos sujeitos, por meio de uma epistemologia e uma ontologia que não prescindam de sua existência (Costa, 2016, 2021, 2024).

Logo, a tríade empiria-teoria-práxis-situada antecipa o objetivo da preservação patrimonial e do fazer turístico; ela conclama a construção do método pela produção de teorias da ação e da transformação popular (desde o cotidiano investigado), a partir do autorreconhecimento da *situação espacial* de cada indivíduo com sua ancestralidade, do grupo ou da comunidade. A noção de *situação espacial*, a partir de Costa (2016, 2021), incorpora a filosofia marxista e a existencialista, à luz da realidade empírica latinoamericana e da teoria decolonial, para denunciar as tragédias socioespaciais do colonialismo (localizadas e contínuas no urbano-rural), mas também enquanto *interpretação* da práxis, *expressão* da práxis e *mobilização* para a práxis dos sujeitos. A *situação espacial* abrange matrizes do conhecimento de três campos disciplinares: uma dimensão geográfica de território (eixo político-existencial), uma sociológica e também filosófica de sujeito, para não ocultar a subalternização (ou luta pela autonomia) dos indivíduos ou grupos sociais materialmente empobrecidos em nosso continente (Costa, 2016; Costa, 2024; Costa, Maluly & Rúbio, 2024).

Esta noção de *situação espacial*, define a existência como situacional, histórica e geográfica, estimulante de uma práxis baseada na dialética sujeito-situado-território, para denunciar não apenas os duradouros problemas socioespaciais, mas também as estratégias que possibilitam a vivência dos povos periferizados no continente. É uma dialética onde, geograficamente, a situação do sujeito é co-determinada por interações socioespaciais de dominação e o confronto estabelecido (Costa, 2021a).

A construção do método nos estudos patrimoniais e turísticos, ao revisar a tríade empiria-teoria-práxis-situada, fatalmente, assume o empírico como oportunidade política e catalizador do compromisso epistêmico popular na revisão dos conceitos adotados por cada campo do saber, onde o cotidiano e o vivido são incorporados como fonte da elaboração dos conceitos (na pesquisa e da comunidade).

A práxis-situada conclama uma teoria e uma ação pela transformação radical da realidade, na qual se entende que todos os atores e todos os agentes usam, de forma desigual, o território.¹

Logo, o presente livro, pelos capítulos publicados, flerta com algumas destas problemáticas. *Métodos e temas emergentes nos estudos sobre turismo e patrimônio* está dividido em três blocos que, juntos, expressam de forma singular o fazer científico relacionado ao tema, contributo desta obra. Vale mencionar que as autorias dos capítulos advêm de destacadas universidades públicas nacionais e, ainda, com um importante intercâmbio investigativo entre docentes, o que se atesta quando um mesmo texto é assinado por colegas de diferentes instituições.

Os primeiros três capítulos reunidos no bloco introdutório deste livro se aproximam do que entendemos como o *método e a volta ao sujeito*. Moesch, Santos & Andrade (2024), no primeiro capítulo, tensionam o conceito de “autenticidade”, que o mercado impõe ao fazer-saber das gastronomias do Cerrado brasileiro; realizam uma importante revisão teórica, para fomentar uma ciência interpretativa à procura dos significados. Assinam os simbolismos pelo empírico e à luz das categorias sociológicas de *habitus* e campo cultural, junto ao conceito geográfico crítico de *patrimonialização global*, conformando o alicerce metódico da interpretação das “gastronomias cerratenses”, flertando com seus sujeitos.

Em suma, a tendência à homogeneização imposta pela patrimonialização global (produtora, em verdade, de diferenças), a reiteração “homogênea” das imagens do mundo, constituem ameaças neocolonial aos lugares (...) A patrimonialização global da gastronomia cerratense tem sido usada como um pseudo-processo de ativação do território pelo TBC. Evidencia-se esse evento devido às políticas propostas do turismo comunitário perpetuado por uma ideologia neocolonial

1. O debate sobre o território usado ou os usos corporativos do território é proposto por Milton Santos. Ver: Santos (1999, 2000), Souza (2019).

de uso dos saberes-fazerem como experiências de reprodução do habitus na continuidade de uma tradição/autenticidade para o visitante, desconhecendo e desrespeitando os tempos dos sujeitos-patrimônios das comunidades. A mutação tem a ver com intervenções estéticas: promover outras formas de ver, de olhar, de traçar o percurso e a viagem para o turista, não necessariamente vem a ser o desejo dos atores das comunidades visitadas. (Moesch, Santos & Andrade, 2024, cap. 1)

Simão (2024), no segundo capítulo, apresenta uma metodologia desenvolvida em seu doutoramento, para recuperar a conexão sujeito e lugar no debate da preservação. Assinala o problema da invisibilidade produzida no contexto da lógica institucional inerente ao patrimônio urbano, que tende a descolar os sentidos sociais da realidade cotidiana, acirrando o sentimento de não pertencimento por parte moradores, o que dificulta a materialização do "direito à cidade" (de ordem lefebvriana), nos sítios urbanos tombados no Brasil. Segundo a autora,

o que pode ser observado é que são muitos os estudos que tratam do patrimônio sob a ótica do próprio objeto, mas poucos aqueles que abordam os olhares dos sujeitos que moram, usam e cuidam desses bens. Assim, é necessário estabelecer métodos de investigação para compreender quais são as relações estabelecidas entre os moradores e o patrimônio urbano protegido, como vivenciam, apropriam e significam, cotidianamente, esses lugares urbanos, para que seus olhares sejam considerados na formulação de políticas públicas e, precipuamente, no reconhecimento desses sujeitos no processo de preservação e seleção dos bens. (Simão, 2024, cap. 2)

No mesmo sentido, Alves, Moraes & Santos (2024), no terceiro capítulo, voltam-se ao sujeito no cerne da construção do turismo de base comunitária urbano (TBCU), não se atendo à descrição do fenômeno ou à indicação de variáveis na composição da metodologia indicada. A autoria parte de um problema qualitativo central e potente: "quais são os discursos e os atores em disputa na relação do

TBCU e o patrimônio?”. Alves, Moraes & Santos (2024) entendem que “a velha dicotomia entre rural e urbano, que frequentemente define o TBC como uma prática exclusiva de áreas rurais, torna-se limitada para abarcar a complexidade do TBCU e sua relação com o patrimônio”. Assinalam, dentre outros aspectos, a necessidade de um olhar processual e sensível para o binômio rural-urbano, de forma que patrimônio não se limita a monumentos, museus e outros bens materiais, mas abarca a cultura popular, as histórias de resistência e as adaptações às adversidades inerentes aos setores periféricas das cidades. O terceiro capítulo, ainda, deixa uma instigante agenda de pesquisas sobre TBCU, a qual se alinha a conceitos fundamentais para dita abordagem.

O segundo bloco de capítulos, os quais realizam um *giro de pensamento pela biografia de sujeitos*, perfilam uma unidade um tanto provocadora. Silva, Passos & Oliveira (2024), Lima, Oliviera & Maluly (2024) e Pires, Magalhaes & Santos (2024) apresentam, em comum, uma visão patrimonial que inverte e desafia a lógica (discursiva, retórica, indicativa e mesmo metodológica) instituída pelos órgãos preservacionistas nacionais e internacionais. Os três capítulos do segundo bloco da coletânea, a partir de referenciais empíricos e mesmo teorias distinguidas, recuperam a biografia de sujeitos em duas dimensões: por sua história de luta em defesa dos territórios de *vida situada* (o quarto e o quinto capítulos), e pelos saberes e produtos alimentares originários do século XVIII, no espaço-tempo da antiga zona mineira do Brasil, reconhecendo os desejos de abastecimento (de uma elite nascente), e das concretas necessidades alimentares (dos sujeitos africanos escravizados nas minas) (o sexto capítulo da coletânea).

Os excertos a seguir sintetizam a importância desses três capítulos muito bem alinhavados, quando abordam saberes e poderes de

sujeitos que, particularmente, entendo como em situação espacial duradoura², respectivamente:

O capítulo 4, na dimensão de comunidades e seus territórios atingidos por desastres-crimes:

A mineração, que em princípios do século XVIII começa a moldar territórios nesta região, incluindo o subdistrito de Bento Rodrigues e, neste processo, eliminou populações indígenas, escravizou e marginalizou pela exploração do trabalho as populações africanas, hoje segue durando neste território e reproduzindo suas dinâmicas de dominação e opressão, esvaziando o sentido do território como locus de vida e vivências múltiplas, apropriando-se dele como recurso. Este capítulo analisa a trajetória dos atingidos e suas lutas, reflete sobre modelos tradicionais propostos de patrimonialização do desastre e identifica a existência de um patrimônio ligado a práticas de memória e ao território, que compreendemos como elemento de resistência que tem assegurado a permanência e existência das pessoas atingidas após o desastre-crime. (Silva, Passos & Oliveira, 2024, cap. 4)

O capítulo 5, sobre quilombolas de Goiás e São Paulo, em defesa de seus territórios ancestrais:

[cap. 5] Formada historicamente por povos oprimidos, a população brasileira tem no surgimento dos quilombos um dos maiores símbolos de sua resistência. As comunidades denominadas quilombolas são grupos sociais cuja identidade étnica e cultural os distinguem no conjunto da sociedade. Tais comunidades desenvolveram, no contexto da formação socioespacial brasileira, características próprias de ocupação da terra e do território, organização social, produtiva e religiosa. Apresentamos, a seguir, dois estudos de caso que possibilitam um aprofundamento do estudo do patrimônio-territorial dos quilombos. Trataremos, respectivamente, do Quilombo do Carmo, em São Roque (SP), e do Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga, no norte de Goiás. (Lima, Oliviera & Maluly, 2024, cap. 5)

2. A primeira parte desta apresentação explica esta noção, no contexto da construção do método para estudos patrimoniais e turísticos, a partir de Costa (2016) e outros.

O capítulo 6, sobre a lógica de espaços e produtos de abastecimento alimentar da população mineira, no passado e no presente, perfilando uma tradicional cozinha:

Os quintais eram considerados extensão da casa e são ambientes essenciais para o entendimento da história da alimentação em Minas nos séculos XVIII. Resguardavam o sustento, primeiramente nos períodos de escassez dos anos iniciais e depois se tornou o principal meio de alimentação dos escravizados e de grande parte da população livre pobre – preta, parda ou branca – que compartilhava a pobreza e vivia em meio a ilusão de riqueza. O quintal continuou também como um importante território no período de ruralização da economia no século XIX. (Pires, Magalhaes & Santos, 2024, cap. 6)

Este segundo bloco de capítulos do livro, junto com o primeiro bloco, se aproxima de maneira considerável da construção do método pela tríade empiria«teoria«práxis-situada, a qual se adequa aos estudos patrimoniais e turísticos, uma vez que as autorias dialogam com ideias apresentadas nesta introdução.

O terceiro e último conjunto de capítulos do livro versa sobre *metodologias aplicadas e reviravolta de conceitos* como o de paisagem, memória e outros da representação espacial (como o de pintura mural, imagem e imaginário), na análise patrimonial e turística. Civalle & Martins (2024), no sétimo capítulo do livro, realizam, pela lente benjaminiana, uma “leitura a contrapelo” das atribuições de valores e narrativas consagradas de patrimônios culturais em cidades da Zona da Mata de Minas Gerais, para entender “os silêncios e os esquecimentos produzidos, consciente ou inconscientemente, por aqueles que têm o poder de selecionar memórias e de elaborar narrativas hegemônicas”. Sua pesquisa revela como são tecidas as estratégias de inclusão e, conseqüentemente, exclusão de bens relativos à memória e à identidade nas cidades da Zona da Mata mineira.

A paisagem urbana recorre nos cidades da Zona da Mata mineira (...) é aquela que se apresenta enquanto ruínas dos sistemas técnicos implantados nos projetos de modernização do território ao longo do século XX [como as ferrovias]. Centralmente, localizadas nos antigos centros urbanos, tais ruínas revelam a desconexão entre os antigos sistemas técnicos e a dinâmica política e econômica atual das cidades. Ferras e cidades, as ruínas criadas em suas paisagens urbanas nutrem, no imaginário das populações locais, uma dupla perspectiva. Por um lado, são concebidas vistas como problemáticas de um período de expansão dos sistemas técnicos modernos e, por esse motivo, são bens que devem ser preservados, uma vez que representam, não apenas a modernização, mas, sobretudo, a conquista e a integração dessas cidades à região central do país e a todo o território nacional. Por outro lado, estas ruínas, por não serem conectadas aos atuais processos de modernização e não terem função na dinâmica urbana contemporânea, sobretudo, vem em meio aos inúmeros projetos de "revitalização" ou "requalificação". Man-tém-se, portanto, não apenas como parte da paisagem urbana, mas, sobretudo, como verdadeiros arquivos. Cenários ruinosos de uma peça que, faz muito tempo, deixou de ser encenada. (Cavale & Martins, 2024, cap. 7)

No oitavo capítulo do livro, Bertin & Silva (2024) analisam os mo-dos como os moradores do assentamento rural Nova Esperança, em Olho D'Água do Casado, Alagoas, pertencentes ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), interagem com a paisagem turística e ressignificam o seu cotidiano. Problematicam como as po-líticas de fomento e valorização turística aumentaram o fluxo de visi-tantes na região, tornando-se a terceira mais frequentada do estado, de forma que alguns sítios arqueológicos passaram a ser percorridos sem a devida orientação e estudos, comprometendo a preservação e conservação da paisagem rural. Pela Geografia Humanista e aspectos da fenomenologia, as autoras reconhecem o percebido e o vivido na localidade.

O lugar turístico foi aqui compreendido pelo viés da inatingibilidade e subjetivi-dade, considerando que o indivíduo é influenciado pelas memórias e interesses particulares que interferem na construção do imaginário de um determinado lugar. Ao observarmos as imagens resultantes da experiência aqui narrada,

chegamos à conclusão de que uma paisagem nunca é a mesma paisagem. Tra-
ta-se da possibilidade de fruição do mundo, de sensibilidade estética para além
da arte, neste caso por meio da Geografia. A imagem também tem a função
antropológica de preservar a memória, de modo que a memória coletiva dos
interlocutores da pesquisa faz vibrar as relações afetivas com o lugar. (Bertin &
Silva, 2024, cap. 8)

O capítulo mono do livro enfatiza a pluralidade de ações a serem
realizadas nos museus universitários, no que se refere à preservação
do patrimônio cultural e no cumprimento do tripé comunicação, pes-
quisa e preservação. De autoria de Gonçalves, Jotta & Braga (2024), o
estudo assinala o desafio enfrentado pelos museus universitários para
equilibrar sua missão no ensino e pesquisa com a necessidade de se
tornarem acessíveis ao público em geral, para garantir a relevância e
a conscientização coletiva sobre a missão política dessas instituições
patrimoniais acadêmicas. Concretamente, analisaram a pintura parte-
tal do altar de Nossa Senhora das Mercês do Museu de Arte Sacra da
Universidade Federal da Bahia (MAS/UFBA), que ...

mostrou-se um grande laboratório para a área interdisciplinar da Ciência da
Conservação, favorecendo aplicar tecnologias atuais visando à conservação dos
artefatos, como a documentação científica por imagem. A documentação cienti-
fica por imagem, aplicada aqui no desvelamento de questões relativas à pintura
parietal do altar de Nossa Senhora das Mercês do MAS/UFBA, pode ser uma
ferramenta para a identificação, a avaliação e o monitoramento de danos e
alterações ao longo do tempo, servindo como documento e para diagnóstico.
A análise conduzida neste estudo, a partir das imagens geradas, resultou em
projeto executivo de restauração para a pintura parietal descrita, indicando a
necessidade do desenvolvimento de ações de preservação continuas aplicadas ao
patrimônio cultural. (Gonçalves, Jotta & Braga, 2024, cap. 9)

Por fim, o livro se encerra no décimo capítulo, que é descritivo
sobre a atuação da Rede Unesco – Unitwin “Cultura, Turismo e De-
senvolvimento” para o intercâmbio de experiências e aprendizagens

cruzadas entre seus membros e parceiros locais (acadêmicos, gestores públicos, empreendedores e lideranças das comunidades), a qual foi criada em 2002, congrega 32 universidades em 25 países. Descreve-se a atuação da Rede...

dividida em três frentes principais: formação e ensino (disciplinas de pós-graduação ofertadas pelos membros e cursos MOOC – Massive Open Online Courses, organizados em rede), conferências acadêmicas e workshops temáticos (...). Por isso, para apresentação e discussão destas experiências, situamos o debate no campo das relações internacionais – particularmente no contexto das ações de diplomacia cultural e pública, buscando compreender como as ações desenvolvidas nos workshops contribuem para a análise e o aperfeiçoamento das práticas de turismo em sítios patrimônio da humanidade. (Allis, Raimundo & Lumertz, 2024, cap. 10).

Assim, a expectativa depositada na organização deste livro foi a de ofertar ao público em geral (da academia e profissionais dedicados ao turismo e ao patrimônio) uma coletânea interdisciplinar, favorecedora de pensamentos e de práticas que não abstraíam os *sujeitos situados*³, os quais se reproduzem no cotidiano, nos espaços da experiência coletiva onde ambos (o turismo e o patrimônio) são consagrados. Afinal, o turismo e o patrimônio, no modelo institucional (acrítico) e dentro da ordem global, são *imprescindíveis*? A construção do método pela tríade empiria-teoria-práxis-situada, na análise patrimonial e turística, é um caminho ao debate.

Referências

Allis, T., Raimundo, S. & Lumertz, J. (2024). Rede UNESCO UniTwin “Cultura, Turismo e Desenvolvimento”: iniciativas e aprendizados internacionais sobre turismo e patrimônio. In: Luana Melo e Silva, Maria do Carmo Pires, Everaldo Batista da

3. A primeira parte desta apresentação explica esta noção, no contexto da construção do método para estudos patrimoniais e turísticos, a partir de Costa (2016) e outros.

Costa (org.). *Métodos e temas emergentes nos estudos sobre turismo e patrimônio*. Rio de Janeiro: Autografia.

Alves, K., Moraes, E. & Santos, R. (2024). Turismo de base comunitária urbano e patrimônio: apontamentos e desafios investigativos. In: Luana Melo e Silva, Maria do Carmo Pires, Everaldo Batista da Costa (org.). *Métodos e temas emergentes nos estudos sobre turismo e patrimônio*. Rio de Janeiro: Autografia.

Bertin, M. & Silva, P. (2024). "Coisa dos caboclos brabos". Turismo, patrimônio e paisagem rural. In: Luana Melo e Silva, Maria do Carmo Pires, Everaldo Batista da Costa (org.). *Métodos e temas emergentes nos estudos sobre turismo e patrimônio*. Rio de Janeiro: Autografia.

Civale, L. & Martins, W. (2024). Sobre cenários e ruínas. Patrimônio cultural, paisagem e usos da memória na Zona da Mata mineira. In: Luana Melo e Silva, Maria do Carmo Pires, Everaldo Batista da Costa (org.). *Métodos e temas emergentes nos estudos sobre turismo e patrimônio*. Rio de Janeiro: Autografia.

Costa, E. (2016). Utopismos patrimoniais pela América Latina: resistências à colonialidade do poder. *Actas del XIV Coloquio Internacional de Geocrítica, Las utopías y la construcción de la sociedad del futuro*, Barcelona, 1-19. http://www.ub.edu/geocrit/xiv_everaldocosta.pdf

Costa, E. (2017). Ativação popular do patrimônio-territorial na América Latina: teoria e metodologia. *Cuadernos de Geografía: Revista Colombiana de Geografía*, (26), 53-75. <https://revistas.unal.edu.co/index.php/rcg/article/view/59225/pdf>

Costa, E. (2018). Riesgos y potenciales de preservación patrimonial en América Latina y el Caribe. *Investigaciones Geográficas*, (96), 2-26. <http://dx.doi.org/10.14350/rig.59593>

Costa, E. (2021a). Patrimonio-territorial y territorio de excepción en América Latina, conceptos decoloniales y praxis. *Revista Geográfica Venezolana* (62), 01-32. <http://www.saber.ula.ve/handle/123456789/47523>

Costa, E. (2021b). Planificación urbana posible, imaginario, existencia y cultura. *Tempo Social*, 33(1), 91-120. <https://doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2021.164522>

Costa, E. (2024). Del patrimonio-territorial eurocentrado al patrimonio-territorial decolonial. Giro epistémico desde el Sur. *Eutopia. Revista De Desarrollo Económico Territorial*, (25), 11-32. <https://doi.org/10.17141/eutopia.25.2024.6175>.

Costa, E. & Scarlato, F. (2019). Geografía, método y singularidades revisadas desde lo empírico. *GEOUSP Espaço e Tempo (Online)*, 23(3), 640-661. <https://doi.org/10.11606/issn.2179-0892.geousp.2019.161552>

Costa, E., Maluly, V. & Rábho, R. (2024). Desigualdad socioespacial urbano-rural, sujeto y minoría en América Latina. *Archie Geográfica*, 18(2), 187-222. <https://revistas.ufg.br/atelle/article/view/77358>

Gonçalves, M., Jara, C. & Braga, S. (2024). Museus universitários e preservação patrimonial. Documentação científica por imagem de uma pintura mural do Museu de Arte Sacra da UFBA. In: Luana Melo e Silva, Maria do Carmo Pires, Everaldo Batista da Costa (org.). *Métodos e temas emergentes nos estudos sobre turismo e patrimônio*. Rio de Janeiro: Autografia.

Hempel, C. ([1989] 2016). El dilema del teórico: un estudio sobre la lógica de la construcción de teorías. In: Olivé, L., Pérez Ransanz, A. (org.). *Filosofía de la ciencia, teoría y observación*. México: Siglo XXI, p. 145-215.

Ianni, O. (2011). *A sociologia e o mundo moderno*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Lima, L., Oliveira, R. & Maluly, V. (2024). Patrimônio-territorial em territórios quilombolas. Casos de São Paulo e de Goiás. In: Luana Melo e Silva, Maria do Carmo Pires, Everaldo Batista da Costa (org.). *Métodos e temas emergentes nos estudos sobre turismo e patrimônio*. Rio de Janeiro: Autografia.

Lukács, G. ([1986] 2012). *Para uma ontologia do ser social I*. Trad. Carlos Nelson Coutinho, Mario Duayer e Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo.

Moesch, M., Santos, A. & Andrade, T. (2024). Ecos do tempo. Da patrimonialização global ao habitus e as gastronomias no bioma Cerrado. In: Luana Melo e Silva, Maria do Carmo Pires, Everaldo Batista da Costa (org.). *Métodos e temas emergentes nos estudos sobre turismo e patrimônio*. Rio de Janeiro: Autografia.

Pires, M., Magalhaes, S. & Santos, V. (2024). Saberes da cozinha mineira. Patrimônio alimentar originário do século XVIII no turismo contemporâneo. In: Luana Melo e Silva, Maria do Carmo Pires, Everaldo Batista da Costa (org.). *Métodos e temas emergentes nos estudos sobre turismo e patrimônio*. Rio de Janeiro: Autografia.

Santos, M. (1996). *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec.

Santos, M. (1999). O dinheiro e o território. *GEOgraphia*, 1(1), 7-13.

Santos, M. (2000). El territorio: un agregado de espacios banales. *Boletín de Estudios Geográficos*, 96, 87-96.

Shapere, D. ([1989] 2016). El concepto de observación en ciencia y en filosofía. In: Olivé, L., Pérez Ransanz, A. (org.). *Filosofía de la ciencia, teoría y observación*. México: Siglo XXI, p. 479-526.

Simão, M. (2024). Vivência e apropriação do espaço urbano patrimonializado: uma proposta metodológica de investigação In: Luana Melo e Silva, Maria do Carmo Pires, Everaldo Batista da Costa (org.). *Métodos e temas emergentes nos estudos sobre turismo e patrimônio*. Rio de Janeiro: Autografia.

Silva, L., Passos, F. & Oliveira, B. (2024). Do patrimônio cultural ao patrimônio-territorial. Crítica à ocidental patrimonialização da memória em territórios atingidos. In: Luana Melo e Silva, Maria do Carmo Pires, Everaldo Batista da Costa (org.). *Métodos e temas emergentes nos estudos sobre turismo e patrimônio*. Rio de Janeiro: Autografia.

Souza, M. (2019). Território usado, rugosidades e patrimônio cultural: ensaio geográfico sobre o espaço banal. *PatryTer*, 2(4), 1-19. <https://doi.org/10.26512/patryter.v2i4.26485>